

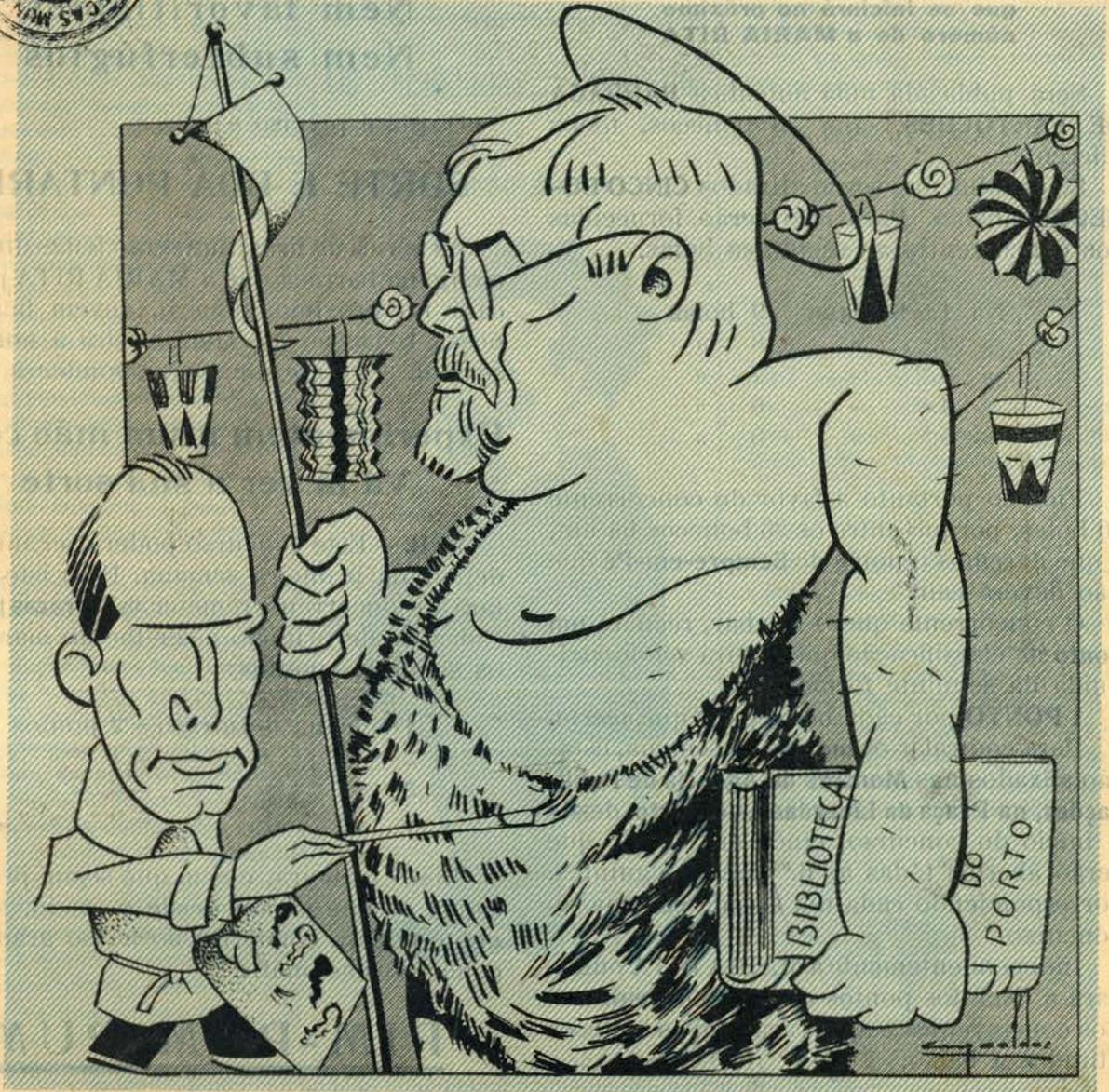


SEMANARIO HUMORISTICO

Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO



O S. JOÃO DO PORTO ...



...é tudo quanto há de mais "grave,,

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

que se iniciará no próximo
número de a MARIA RITA

Será publicada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 26 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente, serão atirados **CINCO BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas.

Na 1. ^a Semana	9	bolas
» 2. ^a »	8	»
» 3. ^a »	7	»
» 4. ^a »	6	»
» 5. ^a »	5	»

Ficarão portanto a favor do concorrente 10 bolas, porque entre os 26 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recuará **um ponto** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para contralhar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, cinco envelopes, que serão abertos tôdas as 6.^{as} feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a MARIA RITA publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por ele poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem atribuídos estarão certos.

Graça — Distracção — Maçaroca

Na próxima semana daremos a lista dos prémios e a forma de distribuição.

**Nem favoritismos
Nem subterfúgios**

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

As séries de **tiros**, que serão feitas directamente na barraca que a MARIA RITA publicará no próximo número, devem ficar na nossa redacção até Quinta-feira à noite da semana seguinte que corresponder à série.

Experimentem a sua mão certa Vá lá ver a sua sorte

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado depois da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** publicadas desde o início e ser-lhe-ão marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	=	2	pontos
2 » » »	=	4	»
3 » » »	=	6	»
4 » » »	=	9	»

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que jogam desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional de

PIM-PAM-PUM



Factos e prestações

Crónica anacrónica

A propósito das festas a Santo António, um jornal de Lisboa escreveu há dias o seguinte: «Para o povo português, Santo António há de ser sempre superior a S. João. Não porque comença os admiráveis sermões do taumaturgo de Lisboa e de Pádua, mas porque Santo António foi o único homem que compunha as cantarinhas que as raparigas deixavam partir.»

Pedimos vénia para discordar. Não foi Santo António a única pessoa a quem a Providência concedeu esse maravilhoso condão. Há muitos anos já — narra-o Catulle Mendés — que em certa cidade do Oriente apareceu um indivíduo especializado na arte de reparar a cerâmica deteriorada. Por sinal que nesse país havia um costume curioso: apenas vinha ao mundo uma criança do sexo feminino, logo a mãe lhe entregava uma cantarinha muito bonita, de argila preciosa, que era preciso guardar com o máximo cuidado, preservando-a de qualquer choque perigoso. Enquanto a rapariga não tinha conhecimento perfeito, eram os pais quem se encarregavam da custódia do valioso objecto. Depois, esse encargo impedia sobre a própria rapariga, que tinha de pôr a máxima meticulosidade na conservação da preciosa prenda. Porque, se lhe acontecesse algum percalço, e lhe deixasse abrir a menor fenda, logo a dona da cantarinha passava a ser olhada com desprezo por toda a gente de bem.

Curioso costume, não é verdade? Tanto mais que, segundo tradições seculares, essa cantarinha destinava-se a ser oferecida pela possuidora ao homem com quem viesse a casar. Para que elle a guardasse e velasse pela sua integridade, como deve fazer-se a toda a oferta de uma pessoa querida? Exactamente ao contrário. O mais interessante do caso é que o marido, apenas recebia das mãos trémulas da esposa a linda peça de louça, logo a partia com um murro, reduzindo-a a fragmentos. Querem coisa mais disparatada e incoerente?

Acontecia, porém, que uma ou outra rapariga, mais irrequieta ou menos cuidadosa, deixava partir a cantarinha enquanto solteira. Era uma tragédia na família e a quasi certeza de que não encontraria quem a desposasse. Ralhos, reprimendas, lágrimas, o desespero nas almas... Até que surgiu um benemérito, o qual, após es-

tu 'os profundos, anunciou que tinha descoberto a maneira de recompor cantarinhas partidas e de forma tão perfeita que ficariam como novas.

Foi numerosa a sua clientela. E jamais freguesa alguma teve razão de queixa. As cantarinhas compostas por elle não apresentavam o mínimo vestígio de fractura. Era admirável!

Ora, certo dia, appareceu no consultório do

mago uma rapariga, acompanhada por um mancebo sensivelmente da mesma idade, mais ano menos ano, que levava um embrulho na mão. E logo o artista pontificou:

— Já sei ao que veem. Esta senhora é de-certo irmã de vossa excelência. Deixou partir a sua cantarinha, e quer que eu lha componha.

— Não é isso — disse o rapaz. — E' precisamente o contrário. Nem tampouco somos irmãos. Somos marido e mulher. Casámos há um mês.

— O que desejam, então? — perguntou o artista, um pouco interdito.

— E' que — volveu o mancebo — a-pesar-de eu ser um rapaz forte e vigoroso, por mais sôcos que tenha dado na cantarinha de minha mulher, ainda não consegui parti-la. Pretendia que o senhor a examinasse e visse se poderia dar-lhe algum remédio.

— Vamos a ver — assentiu o outro, um pouco titubeante, porque se tratava exactamente do inverso da sua especialidade.

Desembrulhou o pacote que a rapariga lhe estendia, pegou na cantarinha, aproximou-se da janela, para a ver melhor... e soltou um grito de surpresa. Aquela cantarinha, tão forte, tão resistente, — tinha-a elle composto um ano antes!

Ignoro se a ciência de Santo António — aliás um teólogo profundo — ia até este ponto na reparação da cerâmica avariada. O que sei é que, no assunto em questão, o taumaturgo lisboeta levava as lampas a S. João, — o santo que nós, cá para o norte, festejamos no solstício de estio. Mal ou bem, aquele compunha as cantarinhas das raparigas. S. João, ao invés, com as suas cascatas e as suas iluminações, concorre para que se partam algumas dezenas de elas.

Marcial Jordão.



Os "Lusiadas," ilustrados

I

AFONSO COSTA



...sempre no seu reino chamarão
"Afonso, Afonso" os ecos, mas em vão.

Canto 3.^o — LXXXIV.

Balancete da semana

No enorme julgamento de Pombal,
em que foi réu o tesoureiro Rito,
correu a verborreia nacional
em jacto forte, límpido, infinito.
Quatro advogados (pavoroso choque)
se bateram em luta nada fraca:
Fernando Lopes e Joaquim Buraca,
António Otto e António Reis Batoque.
Nos debates que o público escutou,
em ondas a retórica fluiu:
foi o Dr. Buraca que os abriu,
e o Dr. Batoque que os fechou.
Era tão vasto o assombro, e tão estranho,
que se ouvia bradar unicamente:
— «Nunca Buraca vi de tal tamanho!»
— «E eu nunca vi Batoque tão potente!»
Formaram-se partidos, claramente,
conforme o sexo e a condição da gente:
homens a quem o entusiasmo ataca;
mulheres que a paixão leva a reboque.
E ouvia-se um barulho de ressaca:
— Que encanto de Buraca!
— Ai! que amor de Batoque!

Vieram aí os prêtos demonstrar,
de uma forma perfeita e concludente,
que, quando fazem de êle um militar,
prêto também ser gente.
Com garbo, bizzarria
e aprumo sedutor,
formavam uma linda companhia
que de indígena tinha só a côr.
Não nos admira pois que as raparigas
buscassem, num affectuoso arranco,
escrever-lhe palavras muito amigas,
pondo o prêto no branco...

Zangou-se o ex-rei de Espanha porque um filho,
que a autoridade paternal derruba,
vai desposar, sem pompas e sem brilho,
uma mulher de Cuba.
Contudo, amando o pai e seu senhor,
o infante brada, em língua castelhana:
— «O' pai! Não te melindres, por favor,
que eu quero o teu amor... e uma cubana!»
Responde Afonso: — «Ou trono, ou noiva! Escolhe!»
Mas o pobre rapaz, a quem já tolhe
a fôrça da paixão, — na conjuntura
despreza o trono e agarra-se à cubana,
porque a noiva, a-pesar-de ser da Habana,
abana menos e é bem mais segura!

O leito de Procusto

Noticia o *Comércio do Pôrto* da passada sexta-feira que o sr. António dos Santos, sargento de cavalaria, «inventou um leito para doentes em cofre».

Ignorávamos que houvesse doentes guardados a sete chaves, como as obrigações do emprestimo externo ou as jóias de D. Miguel. Se assim é, achamos justo que êles tenham também uma cama especial, que deve ser metálica, de cobre ou platina, e incrustações de pedras preciosas. Nem podem ser de outra substância, por exemplo, os leitos destinados aos enfermos encarcerados na casa-forte do Banco de Portugal.

E como é natural que, sem embargo de tôdas as disposições de segurança, apareça quem tente roubar as camas ou os doentes, convém pôr-lhes sentinela à vista. E' verdade que o segundo do *Comércio* se depreende, o inventor pensou neste percalço e procurou obviá-lo pondo em cada leito «um mosqueteiro». E qual o gannito que não dará às de Vila-Diogo perante a espantosa truculenta de Aramis ou D'Artagnan?

Todavia, êste sistema tem a desvantagem de se tornar um pouco incômodo para os doentes. Qual o febricitante, por exemplo, que possa agüentar ao seu lado um outro indivíduo de mãs a mãs militar? E se o enfermo pertencer ao sexo feminino? E' capaz de entrar para casa-forte com uma simples pontada e sair de lá a vomitar...

Propomos, portanto, que, nas camas das mulheres, se coloquem, em vez de mosqueteiros, mosqueteiras. Teem picos, é certo, podem arranhar o seu bocado, — mas são muito mais inofensivas...

Português castiço

Recorte de um romance que acabou de escrever o sr. Agostinho de Campos, aquelle consagrado estilista que declarou guerra à morte a todos os uns da lingua portuguesa.

«Os ...garos entraram no campo. Ouviram... z... z... de emoção. Os foguetes, no fim fizeram p... p... Enquanto se jogava, comia-se por aqui at..., por acolá pres...to. Alg... cheirava a bed...»

O capitão da equipa, o jovem ...ber... caiu magoado. Tiraram-no do jôgo e ...lar...-the as feridas com ...guento, mesmo j... da balisa. Mas de nada lhe valeu. Minutos depois era def...to. Então tôda a assistência resmou...
— H...! H...!»

Nota da Redacção — Onde se encontram os três pontos, deve o leitor pôr uns.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcelável

AUX GALERIES LAFAYETTE

Turiddu.

S. João de 1933 — Braga em desvario — Fogos: rasteiro, aéreo, de soltura e prisão — O programa em péso — S. Cristovão sem sorte — Espanholas à vista

O S. João, ramboeiro irresistível, alegria da juventude, apareceu-nos o ano que findou, magro como um carapau embrambrado, débil como um rebento de meses de gestação, receando-se a todo momento um desenlace fatal, uma perda cidadina.

O cartaz anunciador das festas mostrava-nos nem mais nem menos que a *radiografia* do Santo.

Efeitos do talento do *Joãoçida*, Zé Luis.

Ignoramos, se, estagiando no Caraculo, na contingência duma tuberculose, miraculosamente conseguiu recuperar o vigor, se as depauperadas forças lhe foram restauradas com o auxílio das injeções e uma injeção que o Dr. Geraldo Brito está sempre disposto a aplicar; em qualquer das circunstâncias o venerado Santinho não podia deixar de nos visitar, a bem da cidade em geral, do comércio em particular e do Município muito em especial, pois, de outra forma, não justificaria facilmente o descaro com que aumenta o preço das zonas de toda a rede eléctrica, crescendo que o ano passado se manteve durante 8 dias, enquanto as festas a 3.º, levou-as o vento.

Gentilezas da Câmara para com os brasteiros e munícipes, que agradeçamos do coração.

Malamos a dizer que o S. João escapou, senão duma morte certa e permatura, pelo menos duma camada de dactylos de «Kok» e surge-nos agora a mais remoçada, na companhia dum carneirinho que por sinal nada se confunde com muitos carneiros que há por cá, de facto e de direito.

Uma robusta e garrida minhota apresenta-nos o Santo, numa miniatura de circunferência, à laia de moeda de 2850.

E' caso para lembrar a quem comete que as novas moedas em vez de amanhadas (passe o parentesco) com o Marco, Gonçalo Velho, para haver variedade, passem a apresentar, como o cartaz das festas, o S. João Novo.

O programa, com que o Santo tanto se consola e o povo tanto se depena, é em mais sugestivo e realizável que muitos que para aí abundam aguardando o momento oportuno para a finalização que se destinam — substituir desvançosamente o papel higiênico.

Mas, vejamos o *relambório* das diversões:

Logo ao romper da alvorada seremos abruptamente acordados com o estoirar de todos os morteiros que àquela hora ainda se encontram a pé.

Imediatamente a seguir, não vá a gente ter o sono pesado, deliciamo-nos com os divertidíssimos «Zés Pereiras» ouvindo um rufar contínuo de tambores

cadenciado com o infernal barulho de todos os bombos disponíveis, concêrto êste entermeado de execuções de gaita de foles.

Um despertar *encantador!!!*

Abichamos mais tarde nada menos de 10 bandas de música em percurso contínuo pelas ruas da cidade, numa gaitada permanente, distribuída aos domicílios.

O carro dos pastores, angelicamente ornamentado, mais pastoril que nunca, sairá conjuntamente com o Sr. Rei David, dançarino incorrigível, único rei da actualidade portuguesa sem afinidades azues.

O Orfeão Bracarense esgotará em público o seu esgotado reportório no fim do qual esgotados ficarão também todos os refrigerantes do Bom Jesus e possivelmente alguns litros do *verde* (há orfeonistas com imenso receio da água).

Temos mais ainda:

Combóios extraordinários a preços reduzidos.

Carros eléctricos, a preços aumentados. Hotéis e Restaurantes, a preços elevadíssimos.

Prova de Resistência e Turismo, que ainda não sabemos do que se trata, mas que para provar certamente é preciso largar as notas.

Festa Aeronáutica no Campo da Aviação em que temos de *aviar* os tantos escudos para meter *bico*.

A Avenida dos Combatentes da G. Guerra, assemelhando-se a um *curral* enfeitado, ao *baratíssimo* preço de 5\$00 cada entrada.

O Parque da Ponte, com o seu vistoso foguetório debaixo de água, repleto de lamparinas e *grisetas*, idem idem.

Desafio de Foot-Ball, com o «Celta de Vigo», que para melhor compreensão do público será *jogado em esperanto*.

Por ser em esperanto, não esperem que seja de borla; tem de pagar-se também.

Danças e descantes pelas Rendilheiras de Vila do Conde, com tôdas as rendas à vista, variando de preço conforme o rendilhado.

E ainda dizem que Braga não é *comercial!!!*

De franco em absoluto, temos apenas uma feira de cavalos com prémios destinados aos melhores exemplares.

Francamente, também a única coisa que nos orgulha é que os prémios não saem da cidade.

Braga das hóstias, dos sinos e das águas-bentas, desaparece nestas noites luminosas, para dar lugar à Braga Babilónia, à Braga Afrodisíaca.

Um turbilhão de cabeças, de pernas e de desejos.

Uma infinidade de mastros erguidos, ostentando bandeiras das côres mais variegadas, desde a côr do burro quando arrebita as orelhas, ao azul *pintalgado pelas môscas*.

Os fogos, que constituem a 8.ª maravilha do mundo.

Os de bengala, em íntima relação com os de lágrimas, pouco se apreciam por demasiado vistos.

O fogo preso ou de prisão, chega a transformar-se, devido ao entusiasmo, em fogo soltura; basta que a magnésia de S. Pellegrino seja activa.

Eis-nos a caminho da Ponte empurrados por uma onda humana, de *todos os sexos*, de tôdas as idades e condições sociais, numa confusa mistura de difícil descrição.

Chegados, principia a estabelecer-se um certo *desapêgo*, e, enquanto as élités se *raspam* para o Parque, divagando por entre as luzes e as urzes, fora do recinto, resvalam pela relva, gentes ansiosas de diversões e «*muchas cousas más*» — digo, boas.

Salitam as bichinhas de rabião, que felizmente nem sempre *pegam*.

O himalaico S. Cristovão, feito *ama seca*, com os pés de mólho, sem galochas, desafiando o reumatismo, assiste, ao *delírio* do povo, indiferente, melancólico, com cara de empregado do Banco Espírito Santo em fim do mês.

Conhecemos a razão do seu mal-estar.

Embora com custo, deixa de ser o az do volante, patrono dos *chauffeurs*; foi preterido por S. Vasco Sameiro.

Tudo brinca, tudo dança, tudo goza, enfim, tudo...

— *Adiós rico!?!*

— Que feliz encontro!! Uma nossa amiga, luso-espanhola (naseu na fronteira) quási compatriota, que veio a Braga ao S. João, às festas, ao desafio, etc.

Foram efusivas as saudações de parte a parte.

Falamos de tudo um pouco.

Assim estivemos entretidos algum tempo — concordamos com ela que encontra tudo isto sublime, mas... lá foi a semana *Luso-Galaica*.

— *Non tengas pena. Es lo mismo.*

— *Então!?*

— *Com la semana portuguesa en Vigo, ficou já mucha gente galaica.*

Reporters Unidos.



Laminas RITZ

De todas a melhor. especial para barbas duras. todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Ar. dos Aliados. Telef. 1650

Um cálculo... furado!

O Gregório Mimoso, era um rapazinho muito ageitadinho, muito estrelicadinho, muito bem postinho, mas a respeito de geiteira para se casar, viste-la, nem eu!

Quando entre êle e uma menina qualquer, mesmo por *menos menina* que fosse, mediasse uma distância menor que meia dúzia de metros, punham-se-lhe as pernas a tremer, a vergar, os braços também a vergar, o pescoço a vergar também, enfim, tudo a vergar de tal maneira que, por mais voltas que lhe desse, nunca conseguia captar as boas graças de um desses animais de cabelos curtos e ideias curtas que dão pelo nome de mulheres.

E' claro que a mãe dêle tôda se mordida com êste acanhamento do rapaz que, dizia ela, alto e bom som, não saía a si e muito menos ao pai que fôra e ainda era o terror do fêmeaço menor de cincoenta anos de idade de tôda a redondeza.

Para quebrar aquele encantamento que trazia o seu filho, mais puro e intangível que a «Bela Adormecida», usou de mil subterfúgios, preparou-lhe as mais saborosas armadilhas, contratou apeteceíveis mocetonas para o cumprimentarem, mas ao Gregório, mal que lhe cheirasse a fêmea, começava-lhe logo tudo a vergar, as pernas, os braços, etc., e assim saíam todos os cálculos fura-

dos à pobre da velha, à tal que tantas vezes repetindo não ter o filho saído ao seu lado, acabou sempre por berrar, depois de cada novo desaire:

— Mais um cálculo furado!

Mas um dia, foi lá para casa passar o verão uma sobrinha dela, a Beatriz, um *botão de rosa por desabrochar* (frase com que uma sua velha tia costumava encarecer os dotes da sobrinha), um palminho de cara em metro e meio de corpo rechonchudinho e fresco.

E como o Gregório Mimoso, no dizer da mãe, não prestasse para nada, logo esta resolveu guardar a sobrinha para a casar com um seu outro filho, nesse tempo a estudar na cidade e que, dentro de dois meses, recolheria à aldeia.

E o Gregório, como se tratasse de uma prima, foi perdendo com ela aquela sua timidez, tornou-se mais íntimo, começou-lhe aquilo tudo a vergar menos do que até então e um certo dia...

Um certo dia, a mãe, ao ver aparecer-lhe, tôda chorosa e corada a Beatriz, ao esboçar a medo uma pergunta que quasi já era uma certeza, teve apenas esta frase de desabafo que no fundo era um elogio passado ao seu filho Gregório:

— Mais outro cálculo... furado!

Dr. Knox.

Razões

Ao Sonates.

Deus fêz o homem, primeiro,
E a mulher em seguida;
Assim diz o mundo inteiro
E o conta a Biblia tão lida.

Mas, qual seria a razão,
Porque Deus, sem mais canseira,
Quis fazer, primeiro, Adão
E depois a companheira?

Seria por mero acaso?
Eu digo que, talvez, não
E desta hipótese me aprazo,
Em lhes dar explicação.

Se quisermos comparar
As coisas, na natureza,
E' facilimo encontrar
Explicação, com certeza!...

Vejam: Quando se faz
Um prédio, ou um monumento,
Não se é, de-certo, capaz
De o encetar p'lo catavento!...

Assim, Deus, com muito tento,
P'ra pôr no E'den os dois,
Fêz, primeiro, o monumento
E o catavento depois...

Dr. Pretito.

Ramalhete

Roda a terra, roda o mundo,
Coisas novas não há nada;
Só tu tens uma diferença,
'stas um pouco mais pintada.

O amor é para ti
Simples brinquedo engraçado,
Logo que dêle te fartas
O deixas pôsto de lado.

Se as verdades que te digo
Fôssem só o teu sustento,
Morrias tuberculoso
Perdias cedo o alento.

«Quem tudo quere, tudo perde»
E' bem certo êste rifão;
Dei-te um beijo, quis dar-te outro,
Pregaste-me um bofetão.

Não tens um só dente teu,
Mas 'stá certo, realmente;
Cada mentira que dizes
Cai-te quasi sempre um dente!

Preguntei a tua idade,
Exitaste em responder;
A pergunta, na verdade,
E' indiscreta a valer.

Lérias.

Começou ante-ontem no Campo Hípico do Bessa, esta formidável prova de destreza e distinção. MARIA RITA que não tem faltado a nenhuma festa nacional e tripeiríssima, tem igualmente acompanhado de perto o desenvolvimento desta prática de desporto a que preside o génio sociável e elegantíssima, do sr. D. Alvaro de Paiva, nosso amigo por inclinação.

Não pode ainda como era seu desejo dar à estampa os clichés colhidos entre os diversos saltos desde os hípicos até aos à Luís XV.

Mas promete no seu próximo número, que é um número quasi hípico, esplanar o que se passou nos 4 dias, fotografar as caras mais simpáticas de todos os sexos e caricaturar os narizes mais em evidência, sem piada a taça Aníbal de Moraes.

Hipistas concorrentes ou assistentes! Comprem a MARIA RITA de sábado que vem e verão lá a sua respeitável cara!

Número hípico, *com todos*, no próximo sábado.

Os «Lusíadas» ilustrados

MARIA RITA inaugura hoje uma nova secção subordinada ao título acima. Pretende-se com ela, apenas, provar que Camões, além de poeta, foi profeta; e que, quando tracejava os seus versos admiráveis, tinha em mente pessoas e factos de uma época futura muito distanciada da sua e que via muito longe, a-pesar-de ter um olho só.

Os nossos leitores se irão convencendo de esta verdade, com o decorrer dos números da MARIA RITA.

Céus de Fogo

Desvanecidamente comunicamos a todos os amigos da MARIA RITA, que a êste bellissimo livro do nosso director Dr. Knox (Dr. Campos Monteiro, filho) foi conferido o segundo prémio no 7.º concurso de *Literatura Colonial*.

E o nosso director além de embolsar os sorridentes 2.500\$00 Esc. em moeda sonante, ainda trouxe para casa um artistico diploma de honra.

MARIA RITA que já de há muito conhecia os méritos do Dr. Knox nas crónicas humorísticas chistes incomparáveis ficou sabendo desde a publicação do seu interessantissimo trabalho sobre o amor entre os selvagens, que o Dr. Campos Monteiro (Filho), também é capaz de fazer verdadeiros romances de aventuras.

Tôda babada de contentamento MARIA RITA, abraça num formidável amplexo a santissima Trindade Campos Monteiro que preside aos seus destinos.

DESCANSO SEMANAL

Uma sementeira de versos. De onde se prova que Portugal é um alfobre de Poetas

Desculpem V. Ex.^{as}; mas como estamos no S. João, não fica mal uma tigelada de versos com os respectivos estalos por tabela.

Há na nossa terra muita gente que tem a mania de ser poeta, além do saudável Pérola Verde. E também há, graças a Deus, muita asneirinha debaixo do sol de Cristo. Não iremos apresentar ninguém de novo, porque hoje em dia tudo é velho debaixo do véu celestino, como dizia o Ecos...

O primeiro

a entrar na arena é o celebrado *Garibaldi*, de Esporões, o homem das culminâncias mirabolantes e funambulescas.

O soneto que se segue vinha publicado na *Estrela da Beira*, de Manteigas.

Estrelas de Beira

Côres...

Vermelho... sangue... a côr duma tragédia enorme...

A côr do meu balsão que já cobriu heróis... Amarelo... ironia e desespero... os sois da linda taranjetra onde um roxinol dorme...

Azul... o teu olhar... o céu... o mar, até... E branco êsse teu colo... a tua Alma pura... As Almas da puértila... o belo da candura... Verde... esperança... o prado... uma bandeira... a fé...

Roxa... a bata de Cristo... as violetas feias... Preto... o pecado... o mundo... a fome... as vis cadeias

E, até, aquele amor das noite de luar...

Castanho... um franciscano... O oiro, então, traduz

O vórtice profundo... e que nos mata a luz... Que leva a podridão... que tece o lupanar...

Esporões, Braga

A. Garibaldi.

Este homem é, com certeza, um daltónico. Só desta forma se compreende que chame preto ao amor das noites de luar. Só se for um preto que tenha a alma branca... Para nós, é fora de dúvida que a verdade está no oitavo verso do soneto. O sr. Garibaldi tem firmada a sua esperança no prado verde... Cada um como do que gosta.



Amigos na vida

Amigos na morte

Constança de Jesus Macedo, esta derrotada pela traçoieira morte no dia 15 de Junho de 1932, ao seu lado seu marido demons-

trando a sua amizade, este ainda com vida e vem convidar as pessoas da sua amizade que no dia 15 do mês corrente na freguesia de Telões será celebrada uma missa por sua alma.

Seu marido Joaquim Francisco e Filhos.

Telões, 11 de Junho de 1933.

Notícia publicada em "A Flor do Tâmega", de Amarante. E' um mimo de amor Marital & Filhos. Como vêem, êle que está com vida, ainda convida.

Tudo isto, porém, não depõe nada contra os humildes semanários provincianos, porque o *Notícias*, já publicou versos piores do que estes, do mesmo autor, na sua primeira página do número de Pascoa.

E já 'agarramos outra vez pelas orelhas o célebre *Conrado Adonis*, fazendo vibrar as

Feveras de um coração.

Aí temos nós mais umas endexas dêsse

formidável livro que há de ficar eterno na história dos *Rossinantes*.

Lalida!

XLIII

Lalida formosa!
Quando os teus doces e dedicados
Dedos de «Terpsichorre» preciosa
Ferem com tal leveza nos teclados
Do piano, sinto uma sensibilidade
Que se enleia co'a minha tristeza e saudade!

XLIV

Os meus olhos desgraçados
Veem-te sempre depois dos vibrados
Harmoniosos de música deliciosa,
Espreitar furtivamente, de longe, da janela,
A vêr a sensação que causara em mim
A tua melodiosa

Area sentimental. Mas ai! de ti
Oh musa bela!

Em vez de sensíveis aplausos hilariantes,
Acompanhados de ávidos emocionantes,
Encontrei no meu por-ti amargurado coração,
Tanta melancolia, tanta dor e cruel paixão.
E nos meus olhos tão tristes, ardentes,
Lágrimas, de te amar, de saudades pungentes!
(Tu choras oh minha desgraçada alma!
Lágrimas que por ti, Lalida, o meu triste coração
As derrama!

São cruéis estas lágrimas de dor!
Lágrimas de saudade e d'amor!
— Oh qu'rida Lalida belu!
Minha formosa estrela!

Isto é um mimo! E' uma beleza!
E' o supra-sumo. Abençoado Adonis
que ainda há de vingar o *Ecos de Cacia*!... Quem diria!...

O segundo soneto vinha publicado na

"Gazeta de Arouca"

por onde se prova que êste fertilíssimo bardo colabora em todos os jornais de Portugal, menos na MARIA RITA.

Airosa

Das bandas do Poente a mansa brisa
Agita, leve, a gemebunda Flora
E no teu rostô belo — em luz de aurora —
Um beijo quente e lírial deslisa!

Beleza eterna — que por dom conservas,
O' loira amante quem terá maior?
Na tua face ha nacar de fulgor
E tens no olhar o prasino das ervas!

... Beijo-te a bôca em frenesi de anseios,
Reclino a frente em teus setíneos seios
Onde repousa e dorme o deus alado.

Adormeço no céu do teu regaço...
Ha perfumes de haxixe pelo espaço
— Na minha vida um sonho de noivado.

A. Garibaldi.

Cá para nós, êste é ainda pior do que o outro. Foi passado, com certeza na Cordoaria, pois é lá que se encontra a *gemebunda Flora*. E sem falarmos já no chorrilho de asneiras que vêm pingando pelos versos abaixo, pedimos apenas licença ao grande vate para modificarmos desta arte o último terceto:

Adormeço no céu do teu regaço...
Ha perfumes debaixo do teu braço
Que me puseram assim: azabumbado...



S. JOÃO AORMECEU...

mas acordaram os poetas. Olha alho! Olha o alho! Olha o alho!



Tantas fogueiras a eito,
E nenhuma igual à tua!...
A tua arde no peito,
E as outras — ardem na rua.

Arnaldo Teixeira.

Oh! meu rico S. João!
Oh! meu santo marinheiro,
Dai-me um maridinho bom
Que tenha muito dinheiro.

Elvira Braga.

Cantai, rapazes cantai
Na noite de S. João,
E nas fogueiras andai
Com o manjerico na mão.

Ferrabraz.

S. João Sindicalista
'Stá teso, não tem dinheiro:
Em vez de camisa azul,
Usa pele de carneiro.

P.

S. João, grande político,
Não quer nada c'o Rolão.
'Stá farto de ouvir cantigas...
E já não vai no balão.

Palheiroto.

Vou fazer uma promessa
Ao meu rico S. João,
P'ra que de mim não se esqueça
Quem trago no coração.

Pena Jóia.

Quem me dera, uma só vez
Ser eu só S. Joãozinho.
— Como eu faria mercês
A tanto coraçãozinho!...

D.

Com bailados e cantigas
Vá de roda da fogueira;
Diverti-vos raparigas,
Que a vida passa ligeira.

Diliana.

Oh raparigas fagueiras!
Na noite de S. João,
Ao saltardes as fogueiras
Não queimeis o coração.

General Jan-Jan.

S. João, nas alcachofras,
Traz-nos esp'ranças fagueiras.
Serranas da minha terra:
Saltai, saltai as fogueiras.

Tuter.

Quando bailaste comigo,
Muito me cingiste a ti...
Ai, Maria, nem te digo
A fogueira que senti...

Adriano X. Nel.

S. João, que sorte a tua!...
Quem me dera festa assim:
— Muitas cachopas na rua,
Tôdas à roda de mim!

Alexandrino Machado.

O' meu rico S. João,
Lava-me as nódoas dos beijos
Que me ficaram, na bôca,
Por matar tantos desejos.

V.

Prometi a S. João
«Tanga» nova p'ró cobrir
Se me desse inspiração
— Para um prémio conseguir.

Vermelhinha.

Este ano, S. João
E' «ditador»... interino:
— Dita as modas p'ra o verão,
...Ele próprio é o figurino.

Zeza.

De alcachofra e de fogueiras,
Cravos rubros, manjerico
— E raparigas solteiras
S. João é muito rico!...

A.

Pediste-me um beijo, louca,
Na noite de S. João;
Dei-t'o bem dentro da bôca
Sentiste-o no coração.

Amador.

Teus olhos são duas brasas
Que queimam meu coração,
Diz-me se casas ou não casas,
P'ra eu rogar ao S. João.

R.

Na noite de S. João
Arranjei um namorico, —
Ele tomou o pifão
Fêz chi-chi no manjerico.

Reirobi.

A S. João prometi
Dar um dos dentes do siso
Se conseguisse de ti
Fazer homem de juízo.

Lia-Mayd.

Ao S. João vou mandar
Uma pipa de aguardente,
P'rás «canadinhas» tomar...
Quando se encontrar doente.

T.

S. João, meu rico santo,
Não me faças caras feias
— A'quele que eu quero tanto
«Alisa» bem as ideias.

Tobias.

Alcachofras feiticeiras,
Manjericos do Bolhão,
Quero eu dar-te nas fogueiras
Da noite de S. João.

Quim Grande.

S. João, venho-te dar,
Uma canção bem catita,
Para a poderes cantar
Ao pé da MARIA RITA.

D. de F.

S. João, ai que fogueira
Eu sinto no coração,
Ao ver passar tôda arteira
Na rua o bom «pancadão».

D. de F.

S. João, que maroteira
Na tua noite se faz!
Com o calor da fogueira
Ou sai cachopa ou rapaz.

D. de F.

O' S. João da folia,
Deixa o bom povo bailar.
— Hei de ir comprar ao Bolhão
Faz muita gente chorar.

D. de F.

Ao saltares a fogueira,
Queimastes o manjerico...
Minha alcachofra brejeira;
S. João é muito rico!...

Delfim de Freitas.

Também saltei a fogueira,
Na noite de S. João;
Queimei, também, alcachofra,
Mas tudo, tudo ilusão!...

Xina Melo Cabral.

Alcachofra e manjerico,
Preparo p'lo S. João;
Também faço uma fogueira
P'ra aquecer o coração!

Agá Larbac.

S. João sorri bondoso
Para as nossas brincadeiras...
Quer a tôdas dar mui gozo
Mas que não façam asneiras...

Orquídea.

Corre o pobre, corre o rico
Tudo corre, também corro,
A comprar o manjerico
E a cabeça d'alho porro...

Lizé.

Vou a fogueira, — a preceito,
saltar pelo S. João,
de alcachofra, no peito,
e manjerico na mão!...

Eletê.

S. João, já meio torto
Co'uma enorme carraspana,
Veio dançar para o Pôrto
Onde há moças d'uma cana.

A.

S. João disse a uma estrêla
Que acordara estremunhada:
— Anda daí, ó donzela;
Hoje é nossa a madrugada.

Arreda.

Na noite de S. João
Eu em casa é que não fico;
Hei de ir comprar ao Bolhão
Alcachofra ou manjerico.

Sepol.

Alcachofra... manjerico...
E a fogueira teem acção,
Quer no pobre, quer no rico,
Na noite de S. João.

Alfredo Cunha (Raza).

Manjericos, são as flores,
De inebriantes perfumes,
Que eu o' reço aos meus amores,
Para abafar os ciúmes.

Zephyro.

Alcachofra e a fogueira,
No S. João entram em cena...
E os descantes vão na esteira,
Onde vai minha pequena.

Ventofresco.

As festas ao S. João
São festas que dão canseiras...
P'ra alterar o coração,
Basta o calor das fogueiras.

Briso.

A MARIA RITA deu
Manjerico ao Artimanha...
Para o ter como Romeu,
Usou assim desta manha.

Calmaria.

No S. João há fogueiras...
Alcachofras... e descantes...
Entram nestas brincadeiras
Os manjericos galantes.

Calma.

Uma alcachofra eu queimei
Na noite do S. João,
E nessa noite te dei,
Amor, o meu coração.

«Miss» Diabo.

Em redor duma fogueira
Na noite do S. João,
Ai, moça namoradeira,
Acautela o coração.

Alcino.

Escrevi ao S. João
Um bilhete perfumado:
Pedi-lhe do coração
Que me desse um namorado.

Inês.

O' S. João, tu não queiras
Que mais desgostos eu sofra
Que ao avançar as fogueiras
Não queime a minha «alcachofra».

D. de S.

Meu S. João, te prometo
Mandar rezar muitas missas
Se tu em troca me deres
Uma mulher com suíças.

D. de S.

O' meu rico S. João,
O' santo casamenteiro
Casa-me este ano, senão...
Dou-te cabo do traseiro.

Domador de Sogras.

Ao saltar uma fogueira,
Meu manjerico queimei;
Foi fogo de tal maneira,
Té o alho chamusquei!

Z. M.

A moça do ti'Manel
'Stava c'um alho na mão,
A ensinar um furrriel
A cantar o S. João.

Zé Menes.

S. João fêz grande fita
Logo ao romper da manhã.
Dançou co'a MARIA RITA,
A' moda de Campanhã...

O.

S. João pôs-se a deitar
Manjerico na fogueira.
Por fim deu-lhe p'ra queimar
A alcachofra da sopeira!

Olegna.

Ao ver a MARIA RITA
S. João disse, baboso:
Mas que alcachofra catita!
Que manjerico formoso!

L.

Há prendas, podes tu crer,
Que teem um valor celeste.
Eu não me canso de ver
A alcachofra que me deste!...

Lérias.

S. João e uma cachopa
Uma fogueira fizeram;
Manjerico e alcachofra
Foi a lenha que puseram.

Elrefo.

Tantas fogueiras a arder
Na noite do S. João;
Tanta esperança a nascer...
Tanto amor... tanta ilusão...

Regina.

Vamos colher manjerico
Na noite de S. João
E mandá-lo num penico
De presente ao Damião.

S.

Na noite de S. João
Quero saltar a fogueira
E trazer manjerico
Prantado na botoeira.

Serigaíta.

Orvalho do S. João
Alcachofra que bem cheira
P'ra mim não há reinação
Como saltar à fogueira.

R. das M.

Perfume de manjerico
Milagres do S. João
E um belo namorico
Que lindas coisas que são!

Rei das Musas.

Oh S. João milagreiro
Faz que eu case muito rico
E cercarei teu carneiro
De alcachofra e manjerico.

R. F.

S. João pôs-se a chorar
Tal qual uma carpideira
Não chores vamos reinar
Vamos saltar a fogueira.

Rei Fera.



A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 60 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 283

N.º 295

No quartel:
Um cabo está dirigindo o exercício dos recrutas e, impaciente, por ver que eles não conservam o alinhamento, grita-lhes, furioso:
— Safa! Que súcia de brutos! Ora saiam das fileiras e venham aqui ver a figura que fazem.

Remetente: Lérias.

N.º 296

Um guarda de quinta encontrou um garoto ao pé de um pessegueiro, com um formoso pêssego na mão.
— Ah, mariola!... Então vieste roubar os pêssegos?
— Eu?... Não senhor, pelo contrário. Vi este pêssego no chão e ia pô-lo no pessegueiro.

Remetente: Ferrabraz.

N.º 297

Patroa para o criado preto:
— Mateus, traze o leite.
— Minha senhora quer o leite de boi... ou de cabrito?

Remetente: Zé Guerra.

N.º 298

— Escolha as armas. Qual prefere?
— Eu, a tiro.
— Pois se atira, eu a coices não me bato.

Remetente: A. B. C.

N.º 299

— Esta moeda de dois mil e quinhentos não toca bem, — disse o empregado, batendo com a moeda no balcão.
— Ora adeus! replicou o freguês. O que o senhor quer, por dois mil e quinhentos? Algum os lo de ópera acompanhado de orquestra?

Remetente: A. B. C.

N.º 300

— Sabe? andam muitas moedas de dez escudos falsas.
— Sim? E como se conhecem?
— Muito facilmente.
— Como?
— Receber tôdas as moedas, e quando se fôr a pagar alguma coisa, as que rejeitarem, essas então são as falsas.

Remetente: A. B. C.

N.º 301

Um padre foi procurado na sacristia, antes de dizer missa, por um par que se queria casar. O padre prometeu que efectuará a cerimónia depois de dizer a missa.

Quando o padre acabou a missa, disse do altar:

— Aqueles que desejarem unir-se pelos

laços do matrimónio, tenham a bondade de se aproximar.

Vinte mulheres e um homem dirigiram-se para o altar.

Remetente: A. B. C.

N.º 302

Entre vizinhas:
— Tia Chica, dê-me umas folhinhas de couve para fazer um caldo.
— Não pode ser filha, tenho-as tôdas no... ôlho.

Remetente: Z. G.

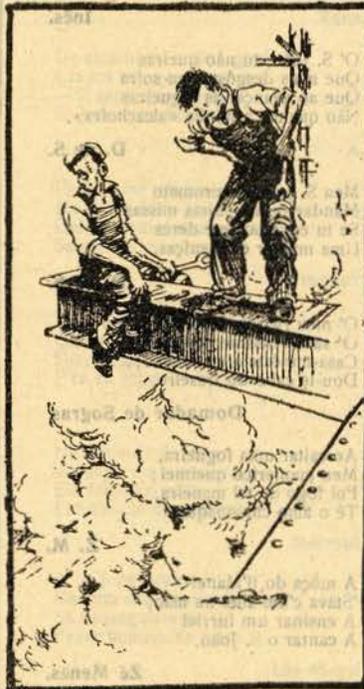
N.º 303

Um domador contratou um rapaz para trabalhar com ele.

— Você mete-se na cama, disse o domador, — depois trago o leão e meto-o na cama consigo. Vai ser um número de sensação.

— Meter um leão na cama comigo, — gritou o rapaz — não senhor! assim não me serve o emprêgo.

Na estratosfera



— Que te parece a humanidade?

— Uma praga de formigas comparada com os «moscardos mecânicos».

— Mas — disse o domador — o leão não te faz mal nenhum porque foi criado a leite.
— Também eu fui criado a leite, disse o rapaz, — e agora como carne.

Remetente: A. B. C.

N.º 304

No campo de batalha:
Napoleão, vindo que um oficial se escondia por detrás de uma moita, perguntou-lhe:
— Então é assim que ganham postos?!!
— Não, Real Senhor, mas conservam-se, respondeu-lhe o oficial.

Remetente: Rutra Luar.

N.º 305

Uma devota tinha feito uma novena a um santo qualquer, para obter pela intercessão deste a conversão de seu marido; porém, morrendo este passados oito dias, ela exclamou:
— Como é grande a bondade deste santo, concede ainda mais do que se lhe pede!...

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 306

Uma cadelinha, cumprindo os ensinamentos que lhe tinham sido dados, ia tôdas as tardes fazer as suas necessidades à rua. Além disso, a criada da casa tinha sempre o cuidado de em certo sítio lhe deitar gasolina, por causa dos maus olhares dos machos!

Acontece que estando certa tarde a criada a limpar uma janela, descortinou, pelos vidros, que alguma coisa extraordinária se passava na rua. Um grande *ah* de exclamação lhe aflorou aos lábios. Perguntando-lhe a patroa do que se tratava, respondeu a criada muito convicta: Venha ver, patroazinha, acabou-se a gasolina à cadela e ela aí vem a reboque, puchada por um cáosito.

Remetente: Garganta de Prata.

N.º 307

Há 300 anos:
O inquisidor a um judaizante sentenciado:
— Você vai ser queimado. Qual é a sua última vontade?
— Que avisem os bombeiros.

Remetente: Lambaz.

N.º 308

EPIGRAMA

Um avarento afamado
Já muito velho e doente
E não tendo um só parente
Chamou um seu afilhado
Um pobre *chauffeur* de praça
E diz-lhe: A minha *massa*
Escondi-a n'um atêrro;
Se podes... paga o entêrro...
...Ou que me entêrrem de graça.

Remetente: Dr. Pretito.

A Casa Figueiredo

Da RUA 31 DE JANEIRO, 74—PORTO

Vende a prestações de 2\$50 e 5\$00 semanais com bonus, os seguintes artigos: Malinhas para senhora, carteiras e todos os artigos de viagem. Gramofones e discos.



Depois da tempestade... No solar dos "Leões". O dia de amanhã. A poesia foot-ballística e o enterro dos "Bichos da Sêda"

Ué! Quê macio!... Assim dizia o preto ao provar a beleza duma lâmina Gilete nas abençoadas trombas!

E assim disseram também os componentes da nossa primeira equipe de foot-ball ao regressarem da capital na última segunda-feira.

O primeiro desafio com o Sporting foi cercado da melhor camaradagem, da mais franca cordealidade.

A contrastar com a açougueira recepção do último Bemfica-Pôrto, a chegada dos nossos jogadores a Lisboa foi cercada dos maiores carinhos, das finezas mais intempestivas, e dos salamaques mais extraordinários.

Logo à chegada ao Rossio, foram os nossos representantes levados ao colo até ao Hotel, entre bravos, vivas e hurrahs, tendo sido facultada a Waldemar uma maca em sumaúma. Os dirigentes do Sporting ao darem pela falta do Avelino e do Castro, ficaram muito penalizados e saltaram-lhes lágrimas dos olhos ao saberem que a saúde do Waldemar não lhe permitia alinhar no dia seguinte.

E' fora de dúvida também, que ao saberem destas faltas, três jogadores dos Leões, Valadas, Jurado e Abrantes Mendes, em sinal de sentimento não queriam comparecer, vendo-se a direcção em sérios apuros para os fazer alinhar na equipe.

No dia seguinte, continuaram os nossos campeões a ser alvo das mais amistosas considerações, que chegaram ao ponto do capitão leonino vir pedir desculpa ao Temudo por terem metido o primeiro goal, o que não condizia em nada com a atitude de Dizon, o guarda-redes dêles, que a cada avançada da nossa linha dianteira, se desviava para um lado, e desprendia da graciosa bôca a célebre frase galantíssima: "Tenha a bondade de passar...".

E quando o Nunes shootava para fora, vinham logo meia dúzia de leões, penalizados, apresentar os sentimentos ao Alvaro Pereira, ao mesmo tempo que o Jorge Vieira deitava um cartão de pêsames no chapéu do Waldemar que estava nas bancadas.

E no último minuto, quando o Acácio estabeleceu o empate, tóda a assistência se ergueu numa voz só, a aclamar os empatantes e a vitoriar, na pessoa do Acácio, o foot-ball norte-nho.

Assim, sim. Assim dá gôsto ser desportista.

Quem não gostou

Ora quem foi?!... Foram os de Bemfica. Os Bichos da Sêda!...

Estes estavam mais danados do que uma companhia absolutamente indígena e bufavam como os bichos do seu nome. Esta parte da claue distinguia-se por o seguinte distintivo que levavam nas bandas do casaco: Um enormíssimo burro aos coices, tendo entre as quatro patas esta décima:

Se vires um homem do Pôrto
Dá-lhe poucas pró sossego,
Põe-no manco, põe-no torto
Põe-no tolo, põe-no cego...
E quando o vires quasi morto
Bate palmas de conforto
Porque um jogador do Pôrto
Não é homem é morcego
Há de ser sempre um abôrto...
.....
Isto assim é que é desporto.

E' claro que tudo isto não deu nada. Esta parte da assistência não teve ocasião de dar palmas porque não houve ferimentos de maior, nem o Vítor Silva teve ocasião de pôr à prova a sua maestria como atirador de coices, porque o restante da assistência depois da atitude correcta do sr. capitão Ribeiro dos Reis, olhava para êle como para um bicho da sêda já leproso de que é necessário fugir...

A noite de domingo aproveitou-a a parte sã dos desportistas da capital para fazer o enterro do Bemfica para o Alto de S. João, o célebre sítio para onde queriam mandar alguns jogadores do Pôrto.

Consta que abria o cortejo um actor célebre lisboeta antigo negociante de leite. No couce ia o Vítor Silva.

Amanhã

Rapazes! E' preciso que sôbre a cidade do Pôrto não caiam as mesmas manchas de infâmia que cobriram o campo das Amoreiras! Quem vem é sempre um hóspede! E a gente não sabe se os visitantes de amanhã gostaram ou acompanharam os "Bichos da Sêda" de Lisboa.

Recebê-los bem, como é costume dos tripeiros, é ser tripeiro a valer. A MARIA RITA que, a-pesar-do seu carácter ridente, sentiu como nenhum outro jornal a forma estú-

pida e selvagem como foram recebidos os seus homens em Lisboa no dia 11, pede hoje a todos os seus amigos para que dispensem aos visitantes de amanhã uma recepção amistosa e acolhedora.

Mostrai-lhes que o Pôrto é sempre o Pôrto! Que esta cidade responde, aos coices, com um abraço, e lembrai-vos que da mesma mãe podem nascer filhos de génios e hábitos bem diversos.

Viva o Foot-Ball Club do Porto!...
Viva o nosso campeão!...

Assinados por um *desportista matuco* recebemos os versos abaixo, que publicamos por lhe acharmos graça. Vêem dedicados ao *formidável Waldemar* e destinam-se a serem cantados na Mouraria.

No campo dos Bemfiquistas
Não há ninguém que não creia
Na vitória dos fadistas,
Porque o Vítor escouceia
E o mano, p'ra dar nas vistas
Os jogadores esfaqueia
Pegando sempre à tarefa
Com os pobres desportistas.

Só o Ribeiro dos Reis
Co'o tola no seu lugar
Ao ver mudar os papéis
Resolve, para salvar
Essa equipe singular
De feras fora das leis
Por um freio e um aziar
Na bôca de cinco ou seis.

Notas da Sociedade

Partidas e Chegadas

Acompanhada de seu Ex.^{mo} Espôso, partiu há oito dias para a Suíça a formosíssima e riquíssima D. Maria das Dores Lancinantes.

Ontem, porém, fomos agradavelmente surpreendidos pela noticia de que acabava de chegar a mesma supracitada senhora, mas desta vez acompanhada pelo primo Fernando, mas sem marido.

A policia investiga.

Depois de uma longa ausência de quinze meses pelo estrangeiro, acaba de regressar abruptamente à nossa terra o senhor comendador Matias Lucas, sócio correspondente, militante, assistente e assinante de Academia das Ciências. Trá-lo à nossa terra o desejo de assistir ao baptizado de um seu filho nascido há dias e a quem quer dar o seu honrado nome de Matias.

Sabemos particularmente que sua excelsa Espôsa queria dar ao neófito o nome de um tenente de cavalaria que mora na mesma rua.

Partiu a tóda a pressa para o Estoril o sr. Caetano Brito, a buscar sua Ex.^{ma} Espôsa, pois lhe constou que ela, continuando as suas habituais distrações, o confundia facilmente com muitos outros, não se dando, sequer, ao trabalho de perguntar, quando os encontrava e para tirar dúvidas: — Es tu, ó Caetano!

Chegada — Chegou para êle e para tóda a sua familia a sova mestra que levou o menino Vaz Formoso. Foi sua agressora a Lulu Pires, que, num acto de desespero por êle não corresponder ao seu amor *moderno*, o deixou tódo como um *beef* mal passado.

Há, contudo, esperanças de o salvar.

Doutor Knox.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 13

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

24 DE JUNHO DE 1933

Decifrações do n.º 11 — 1) Cakau, 2) Largato, 3) Descusido, 4) Cáocela, 5) Casa, 6) Cavide, 7) Cuadro, 8) Ingola, 9) Corasão, 10) Curuja, 11) Bisconde, 12) Combersa, 13) Viravolta, 14) Croneta, 15) Renobo, rebo, 16) Augusta, ata, 17) Rivolta, Rita, 18) Mario, mao, 19) Vagatela, 20) Cincopada, 21) Morcego, 22) Oliveira do Hospital, 23) Quem porfia, mata caça.

Decifradores: Horaciano, 22; Reirobi, 21; Rei do Orco, 21; Tripeiro, 16; Edipo, 14; (?), 13; Zé Barão, 13; Seria, 12; Lérias, 12; Feirante, 10.

No número anterior faltou incluir os nomes dos seguintes decifradores do n.º 10: Reirobi, 15; Zé Barão, 12; Tripeiro, 12; pedimos desculpa.

Logogrifo

(1)
Uma tal MARIA RITA
Que do riso foi «vedeta»,
Dum velhote mui chibante
Se deixou ir pela *treta*. — L-5-4-9-7

Lá no Paço das Virtudes
Fêz-lhe o gaço coisas tais,
Que a pobre, rindo, rindo,
Desta foi p'ra nunca mais. — 1-2-3-8-5-6

Morte assim tão coceguenta, — F-9-1
Tu a queres, quero a eu.
Digam lá *decifradores*: — 1-7-T-7-D-2-8-5-5
De que modo ela morreu?

Pilatus.

Charada em verso

(2)
Nota mulher: na verdade — 1
Amo teu *peito* gracil; — 2
Mas tenho *medo* beldade,
Dêsse encanto *feminil*.

Lérias.

Novíssimas

(3)
E' *perversa* porque *troça da língua*
do *preto* que está *agonisante!* — 1, 1, 2.

Tripeiro.

(4)
A *mulher* anda à *roda do homem*.
— 2, 2.

Quimono.

(5)
Estremei quando tentei dar a volta
a *Portugal* e me disseram que eu não
chegava ao *fim*. — 2-2.

Sepol.

(6)
E' uma *flor* que *anda no ar*, para
atingir esta *terra*. — 1, 2.

Ohnidog.

(7)
Com esta *flor* na *lapela* vai para a
cidade. — 1, 2.

Lérias.

(8)
Ofereça o *estômago* para um *esbôço*.
— 1, 2.

Reirobi.

(9)
A *malta*, manifesta desejo de que
eu lhe *proporcione* entrada na *alta roda*.

Busina.

(10)
Tenho uma *linda embarcação*. — 2, 2.

Ohnidog.

(11)
Nota que a *ave* tocou-me na *cara*.
— 1-2.

Tripeiro.

Sincopadas

(12)
3 — A *pobre ave* caiu no *depósito*. — 2.

Busina.

(13)
3 — Comprei uma *flor* neste *mês*. — 2.

Lérias.

(14)
3 — Um *homem* sem ter dinheiro,
Neste mundo está perdido,
Não mostra um ar *prazenteiro*,
Anda *magro*, aborrecido — 2.

Busina.

(15)
3 — O *animal* é guiado com um
pauzinho. — 2.

Lérias.

Enigmas tipográficos

(16)
A
CAVALARIA
BESTA II

Sepol.

(17)
K 6 D

Rutra Luar.

Provérbios a adivinhar

(Oferecido ao camarada Busina)

(18)
O padeiro Damião,
Foi gozar o S. João,
Em Braga o ano passado.
Mas ficou desesperado,
Pois 'stava no Bom Jesus,
E uma cana, catrapuz,
Dum foguete que estourou,
Caiu e lhe arrembentou
Mesmo a cana do nariz.
Regressou o infeliz,
Na mesma noite a Cacia
E ao entrar na padaria,
Disse p'ra si mui zangado,
E' bem certo êste ditado:

Serigaíta.

(19)
A minha prima Maria,
Uma pequena engraçada,
Passa todo o santo dia
Numa risada pegada.

Chega a causar arrelia,
Tal mania inveterada!
Está certo que a gente ría,
Com razão justificada.

'Stou farto de lh'o dizer
Mas ela que não quer crêr
Não atende o meu aviso.

Ao que lhe digo então
Lembra-te dêste rifão:

Lérias.

Concurso do S. João

Em virtude do piramidal e formidabilíssimo sucesso alcançado por êste nosso *certamen*, de tal modo que temos de deixar para o número seguinte muitas quadras ainda, resolvemos fazer um novo concurso sôbre o tema

S. Pedro era careca

com os mesmos prémios que o concurso do S. João.

A frase acima é obrigatória na quadra, tanto fazendo que vá como 1.º, 2.º, 3.º ou 4.º versos.

E segue a bicha

ÓRGÃO OFICIAL DOS MENTISOSOS NATOS OU DE CONDIÇÃO

Boatos, Petas, Palões, Balelas, Coisas de arrepiar

Director por direito de conquista: **PARLAPATÃO SINCERO**

Rectificação

O nosso último número foi um sucesso de gralhas. Assim, por exemplo, no folhetim que vimos publicando desde o aparecimento do nosso jornal, sempre na quarta página a contar da esquerda, sob o magestático título de O Homem que comeu um crocodilo embalsamado, dizíamos, entre outras coisas, que a condessa era filha legítima do primeiro matrimónio e que o filho mais velho tinha sido dado à luz à falsa fé.

Tudo isto, porém, foi uma salsada tipográfica que vamos tentar repôr no seu devido lugar:

A verdade nua e crua é que a condessa tinha morrido, há anos, duma intoxicação venenosa e sinistra, e o filho não era o mais velho, era o do meio. Numa noite sem luz foi apanhado à falsa fé, e deram-lhe cabo do primeiro matrimónio.

Assim é que está certo, e, para que conste, o rectificamos.

N. da R. — E' bom notar que o nome do folhetim também não é o que está acima. E' este: o crocodilo que comeu um homem embalsamado.



Do País

Achado macabro

Lixa de... Esmeril, 31 — Quando ontem, pelas 24 horas e 2 segundos, os menores Francisco Xico, de 27 anos, e Inocência Tranquilha, de 25, andavam a brincar às escondidas numa bouça, encontraram o esqueleto dum pardal.

Participado o caso às autoridades, estas fizeram remover o esqueleto para a Morgue, onde se verificou que o desgraçado foi morto há 132 anos.

A polícia, que já começou as investigações, espera deitar a mão ao criminoso.

Violento incêndio

Oliveira... de Freiras, 29 — A semana finda manifestou-se um violento incêndio na choupana do mendigo Matias Fanado.

Compareceram as corporações de bombeiros de todo o país, que trabalharam na extinção durante dois dias e meio.

A choupana ardeu tôda, bem como a mobília e utensílios, que se compunham de uma mesa, uma cadeira de pinho, uma cama de bancos, uma panela, um garfo, uma colher e mais miudezas. Além disto ainda morreram carbonizados 800 percevejos, 1.500 pulgas, 94 baratas, 30 ratos e muitos bichos de conta, etc.

O prejuízo, que foi total e está calculado em mais de 350 contos, está coberto, felizmente, pela importante Companhia de Seguros «Vai Receber ao Falcão».

Importante julgamento

Caminha... Pra Frente, 24 — Efetuou-se, hoje, no tribunal, o julgamento dos conhecidos gatunos Samuel Pardal e Procópio Barata, acusados de na noite de 31 para 32 de Julho haverem assaltado a residência do sr. dr. Panteão da Fonseca Gaio, de onde furtaram um guarda-vestidos, um fogão circular, um cofre e até a própria cama onde estava a dormir o sr. Fonseca Gaio e sua Ex.^{ma} Esposa, mobília esta avaliada em 1235 contos, 769 escudos e 32,5 centavos.

Os réus confessaram o crime de que eram acusados e as testemunhas fizeram uma acusação cerrada, provando-se o crime. Os réus foram absolvidos.

Desastre

Guarda... Fiscal, 28 — Ontem, quando o guardador de gado Frutuoso Pouca Sorte acariciava um boi, êste enfiou-lhe uma haste no peito, atravessando-lhe o coração e saindo-lhe pelas costas; depois atirou-o ao ar, indo cair em cima dum eucalipto. Dado o sinal de alarme, compareceram os Bombeiros Municipais com a escada «Magirus», que tiraram o homem para baixo. Conduzido ao Hospital, recebeu cura-

tivo, recolhendo a casa por se recusar a ficar internado.

Aparecimento de cadáver

Ponte D... Luís, 14 — Apareceu hoje a boiar no rio o cadáver dum indivíduo do sexo masculino.

Compareceram as autoridades, que verificaram tratar-se de João Seca Brito, que há 5 anos havia caído ao rio, não voltando a aparecer. Foi-lhe encontrada uma caixa de fósforos de cera e um masso de cigarros fortes.



Do Estrangeiro

No Nilo Sagrado

Cairo, 3 — Soube-se nesta cidade de um estranho caso de alopatia selvática in-extremis. Foi o caso de que, quando se banhavam no Rio Nilo três jovens estudantes de teologia, e entre êles um de ideias avançadas, foram surpreendidos por outros tantos crocodilos esca-madíssimos.

Perseguidos pelos bichos, achavam-se os três absolutamente perdidos, quando o tal de ideias tão avançadas que já ia em meio das guelgas de um crocodilo, teve uma ideia genial: voltando-se para os companheiros, disse assim:

— O' diabo, que me esqueci na água daquela bomba de dinamite que trazia. E a dinamite em contacto com a água explode terrivelmente.

Ao ouvirem isto, os crocodilos ficaram com os cabelos em pé e a cauda esgazeada, e o mais velhito disse para os outros, todo tremente:

— Ai quem me dera voar...

E lá se foram, sofrendo os estudantes apenas o susto. O tal avançado também deixou no estômago do bicho os suspensórios e os botões dos calções.

Tokio, 2 — Os japoneses deliberam queimar 140.000 pérolas de qualidade inferior com o fim de evitar a baixa do preço das pérolas.

N. da R. — Se o Pérola Verde dos Ecos de Cacia quiser, a MARIA RITA oferece-lhe uma passagem gratuita para o Japão.

Para
pintar
paredes

Use

MURALINE

uma tinta que se

prepara em
seca em 10
durante 10
minutos
horas
anos

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

S. JOÃO ADORMECEU...

mas acordaram os poetas. Olha o alho! Olha o alho! Olha o alho!

(Continuação da pág. n.º 9).

Fogueiras do S. João
Alcachofra e manjerico
C'uma guitarra na mão,
Sou feliz sinto-me rico!

Amitil.

Dai manjerico às solteiras
O' meu rico S. João,
Casadas vão p'ras fogueiras
C'o alcachofra na mão.

R. L.

Com o manjerico na mão
Quis falar à minha amada,
Recebeu-me qual trovão!
— Fui de burro, vim d'albarda...

R. L.

Ouvindo as lindas cantigas
Dos lábios das cantadeiras
S. João pôs-se a dançar
Pôs-se a saltar as fogueiras!

A. C. M.

Fogueiras de S. João
São tal e qual meus amores
Vai a chama fica a cinza
No meu peito — quantos dores!!

A. C. M.

Milagres a tanta gente
Já que fazes S. João
Vê se me casas de-pressa
Ferve-me o sangue em cachão.

Fandelirio.

Uma alcachofra queimei
Na noite de S. João,
Secou. Agora já sei
Que me não tens afeição.

F.

Quando saltaste a fogueira
Subiu-te co'o vento a saia
E eu vi, por brincadeira,
Teus coletes de cambraia.

Fernambelo.

S. João, meu rico amigo
Satisfaz o meu intento:
Faz com que case comigo
Quem trago no pensamento.

P.

Eu pedi a S. João
A tanga que traz vestida
Pra eu usar neste verão
Em Espinho, n'avenida.

Piboá.

Queimei alcachofra aos molhos
Na noite de S. João
Na fogueira dos teus olhos
Queimei o meu coração.

Fermira.

S. João tem orvalhadas
Manjericos e fogueiras
Não «liga» às mulheres casadas,
Mas casa as mças solteiras.

Oidil.

S. João trás manjerico
— Gosta da rapiogueira! —
Para dar às raparigas
Que dão saltos à fogueira.

Nalcifranir.

S. João! Cantai, moçoilas!
Nós fazemos côro — os velhos...
Cantai, bôcas de papoilas,
Lábios de cravos vermelhos!

V.

Lábios nos lábios: fogueira
A arder em rubra paixão...
Tanto lume, que braseira
Na noite de S. João!...

V.

Manjericos, rosmatinhos,
E alcachofras queimadas...
Cantam os par's, unidinhos,
Nos beijos das orvalhadas...

V.

Madrugada de beleza,
Céu azul a orvalhar!...
S. João! Té a tristeza
Anda na rua a cantar!...

Vimaranes.

O' meu rico S. João,
Deparai-me uma mangureira
Que me apague esta fogueira
Que eu trago no coração.

T.

Alcachofras!... manjericos!...
Fogueiras!... superstição!...
Queimam pobres, compram ricos
Na noite de S. João.

Zangorlipanfas.

S. João todo se enxofra,
Se não se faz a fogueira,
Para queima a alcachofra
Na noite de Sexta-feira.

Tripeiro.

Fogueiras do S. João!
Já que ateais bailaricos
Queima o coração
Com antores e manjericos.

Cardo Bravo.

Fogueiras de S. João,
Manjericos, alcachofras...
Não teem a sedução
Num beijo das nossas bôcas.

Bébe.

Uma morena me disse
Na noite de S. João,
O cheiro do manjerico
Vai direito ao coração.

Ana Recá.

Fui ao monte às alcachofras
Ao campo ao manjerico...
Cantai, dansai, raparigas
Na noite de S. João.

S. T.

Ao S. João prometi
Um lacinho p'ro carneiro
Se fizesse com que tu
Deixasses de ser zoeiro.

Clarinha.

Na noite de S. João,
Encontrei o Precursor,
C'um manjerico na mão,
N'Adega do Lavrador.

Z. B.

Noite de S. João. Longe...
Há fogueiras e cantigas...
São as fogueiras d'amor,
Corações de raparigas.

Coval.

Para saltar a fogueira
Na noite de S. João,
Vão rapazes, raparigas
De manjerico na mão.

Majureca.

Silêncio! Por todo o chão
Desta terra portuguesa
Há uma fogueira acesa
Na noite de S. João...

Folhadela.

Um manjerico me deste
Na manhã do S. João.
Ai que grande mal fizeste
Ao meu pobre coração!...

Horaciano.

Na noite de S. João,
Junto à fogueira, eu fico;
Quero dar-te o coração
Num ramo de manjerico.

F. Ahcor.

S. João pôs em fogueiras
O seu palácio, mais rico
E as cinzas, deram sementes
D'alcachofra e manjerico.

João Tino.

A' fogueira, ou pobre ou rico
Tudo vai em precisão,
Alcachofra ou manjerico
Of'recer ao S. João.

Rocha.

Alcachofra, rosmatinho
Juntamente com a hera,
No meio, um S. Joãozinho,
Meus seis anos... quem m'os dera!

X pelhas.

S. João compadecido,
Aos rogos de uma donzela,
Não lhe encontrando marido,
Resolveu casar com ela.

Z. B.

Infeliz de quem no mundo
Nunca teve um S. João!
Que desgosto tam profundo,
Que colossal decepção!...

Horácio Ferreira.

S. João já fêz constar,
Uma *nova* divertida:
Que vai um noivo arranjar,
P'rá menina d'Avenida.

Zé Barão.

Olha as fogueiras a arder
Na noite de S. João...
Alcachofras quero eu ver,
Manjericos é que não.

Nuno Grande.

Neste cantinho do mundo
Ouve-se ao longe uma reza...
São canções a S. João
Duma boca portuguesa.

Vale da Cordeira.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

"Um ar da minha graça" por Heitor de Campos Monteiro

Outro livro de José de Artimanha e outra pançada de riso, mas riso franco, leve, delicado, ingénio, e, fãmos quasi a dizer — inocente. Ferve, em catadupas, a sua ironia graciosa e é vê-la deslizar, pelo público fora, a refrescá-lo neste calor da estação e a matar-lhe a sede com que engole os livros de esta especialidade.

Ainda bem que o autor, julgado no *Tribunal dos Pequenos Delitos*, absolvido plenamente, tomou a liberdade de vir para a rua para nos dar um *Ar da sua graça*, pouco tempo logo depois. E aí temos, agora, um livro desenfatiado e alegre, com a faculdade de ser um livro cosmopolita, porque pode ser lido por tôda a parte e por tôda a gente: machos e fêmeas, velhos e moços, meninos, nazis e hitlerianos. Um livro que não rasteja pela pornografia ou pela frase ambígua, que não é a *piada do sol*, em tardes de tourada, mas que tem o espírito subtil dum homem de sociedade, que fuma *Abdullas* e sabe envergar um *smoking*. Um livro, enfim, universal e terapêutico que cura as bilis mais concentradas e as doenças de fígado mais renitentes.

Além disso ainda, o livro em foco é um documento legal, autenticado e de livre trânsito, como se saísse, agora mesmo e fresquinho, dos assentos do registo civil, para o que José de Artimanha apresenta, oficialmente, o seu bilhete de identidade, que é o n.º 239.925. Que mais será necessário para um agrado certo e para um êxito em forma?

Mas, o autor, possui outra identidade mais e mais flagrante ainda, que é o seu, sempre novo, humorismo — um biombo bizarro e de côres garridas — por traz do qual se esconde uma alta e transcendente filosofia, a de que: *tristezas não pagam dívidas*.

Realmente, se Heráclito foi suplantado por Demócrito, leva isso a crer que houve sempre mais adeptos da risada do que da sorumbaticidade e a época, na verdade, não vai para se tomar a sério, nem teve nunca tanta oportunidade o latinório dos nossos avós e daquele padre-mestre que, sabendo todo o Virgílio na ponta da língua, vinha sempre com a frase consagrada: *ridendo castigat mores*, cuja tradução foi sempre esta: *êste mundo são dois dias*.

Mas o que mais faz admirar num escritor, tão distinto no género a que se dedicou, é a sua inexgotável *verve*, tão fecunda como a asneira no nosso país. Espanta-se a gente de como êle não mostre cansaço, na porfiada e sempre feliz caça das suas *trouvailles*, colecionando os ridículos de que tira tão excelente partido.

A nós, — casmurro por temperamento e por convicções políticas, *Um ar daquela graça*, — e de *graça* — confessamos que nos fêz rir, e a prova de que o livro a tem, está na *graça* que também lhe achamos. E mais, foi num dia em que a maior tristeza dêste mundo, nos invade mensalmente: quando temos de pagar ao senhorio. Que mais prova, pois, do poder, quasi sobrenatural, do livro a que nos referimos?

Oxalá, só por êste motivo, que o bom humor de José de Artimanha — e que é dos de lavar e durar — (se bem que quem possui um riso tão cristalino, natural seja que um dia venha a *cristalizar*) — oxalá, repetimos, que êle se lhe conserve na massa do sangue, por muitos anos e bons, e nós que os contemos, por cada produção que nos fôr dando da sua tão sadia e invejável boa disposição de espírito.

Braz Fagundes.
(Henrique Luso).



Aquilo que nós sabemos

No nosso último número deu-se um engano quasi imperdoável. Foi o caso de se ter conferido, devido a um erro tipográfico, o 2.º prêmio pecuniário, ao mesmo concorrente que tinha sido contemplado no número anterior. Ora isto não está certo, porque o prêmio em referência, foi dado ao concorrente que se esconde sob o pseudónimo de Alfredo Cunha (Raza).

O primeiro prêmio de 30\$00 Esc. não coube a nenhum por falta de aproximação.

Será Verdade?

- Que o guarda de S. João Novo, Domingos Moreira, já não é má língua?
- Que o mal dêle, é só dizer «banalidades»?
- Que o afomoseamento do jardim da Cêrca, se deve ao grande admirador de flores... Cunha da Raza?
- Que em sinal de reconhecimento, os funcionários lhe vão erigir uma estátua, mesmo no... centro da cêrca?
- Que os empregaditos do fôro, andam com grandes ideias?
- Que o escrivão T. C. S. abriu uma subscrição entre os seus colegas, para se construir nos claustros uma pista de automobilismo?
- Que está ansioso por começar os seus treinos, como preparativo para o próximo circuito da Boavista?
- Que brevemente se realizará em Matosinhos uma tourada, com toiros de morte?
- Que o espada será o assombroso Cesário B.?
- Que o grupo de forçados será capitaneado pelo valente Miguel Bonito?
- Que fazem parte do mesmo grupo, os azes da tauromaquia Lameirinhas, Garcia, Paula, Jaime etc.?
- Que o cavaleiro será o Lima, do R. Criminal, que já começou com os treinos?
- Que o Director da corrida será o Landru?
- Que há um escrivão que não grama o azul e branco da equipe do Pôrto?
- Que vai propor ao grupo Campeão a mudança de côres?
- Que ficava muito bem, assim uma côr a fugir para... o castanho escuro?
- Que há alguns cinéfilos no tribunal?
- Que o Rica anda muito «apanhado»?
- Que certamente foi dos tais paralelepípedos do Ameal?
- Que tem feito grande successo no Tinoco?
- Que o sobrinho do Tinoco, o «Dominguinhos», por causa do cartão do Pôrto está quasi «pronto»?
- Que o melhor caminho é meter-se no «Ancora» como lhe tem dito o V. C. S.?
- Que há um escrivão que professa as ideias dos camisas azues e ninguém tem nada com isso?
- Que há outros que usam as camisas às riscas, para... disfarçar?
- Que há quem diga que o edificio de S. João Novo estava mesmo próprio para balneário?
- Que só faltam as canoas?
- Que com as águas fornecidas pelo amigo Nunes, também se poderia aproveitar aquilo para uma estância de águas para cura dos artríticos?
- Que no local do jardim, ficava mesmo a matar uma piscina?
- Que o Lameirinhas tem costume de oferecer aos amigos, vinho das suas propriedades, mas êsse vinho nunca chega?
- Que êle tem mas é muito caroço?
- Que o Almeida Dias numa caçada em Espozende conseguiu matar 16 perdizes dum só tiro?
- Que a continuar assim em breve será campeão de Portugal?
- Que costuma fazer as caçadas com a sua moto em andamento?
- Que é duma pericia extraordinária?
- Que esta «secção» no próximo sábado as vai dizer das boas e bonitas?

Garganta de Prata.

Procurem na grande
Livraria Editora de
A. FIGUEIRINHAS, Limitada
tôdas as obras de
MARDEN
o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

peça

Um de os milia Graça, por lletas de Campos Mollino

Mas o que mais faz admirar...
estranha, mas delirio no genero a que...
dedicada, e a sua intelligivel way...



Farmacia Luso Franceza, (Hemisphere Luso)



Algudo que nos sabemos

NALLY E BENAMOR

Rua Sá da Bandeira, 140 — PORTO

Quito livro de José de A...
nuta parca de riso, mas rito l...
leve, delicado, ingenio, e l...
dizer—innocente, l...
suas fronteiras e 3...
este pedico l...
color da estaja e a...
com que angulo o...
cidade.

Ainda bem que o autor...
Tribunal dos...
vidio plenamente...
vi para a tua para...
vayas, pouco tempo...
E si fomos...
habo e...
um livro...
lho por...
marchas e...
indos, mais e...
em l...
esprio...
dade que...
que um...
real e...
mais...
mais...
Alem disso...
um documento...
livre...
segundo a...
registro civil...
marcha...
hoje de...
(que...
certo e...
Mas, o...
dado mais e...
plombos...
por...
e...
tudo...
Realme...
tudo...
dado...
sempre...
O...

Realme...
tudo...
dado...
sempre...
O...

Realme...
tudo...
dado...
sempre...
O...